

**INTERVENÇÃO DE CARLOS LAGE NO ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL “COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA DE SEGUNDA GERAÇÃO” ORGANIZADO PELO EIXO ATLÂNTICO, DIA 4 E 5 DE FEVEREIRO DE 2009 | GUIMARÃES**

Exmo. Sr. Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional

Exmo. Sr. Presidente da Câmara de Guimarães

Exmo. Sr. Director-Geral dos Pressupostos e Gastos de Espanha

Exmo. Sr. Alcalde de Vigo

Exmo. Sr. Presidente da Comissão de Política Regional do P.E.

Exmo. Sr. Secretário - Geral do Eixo Atlântico

As regiões europeias, em particular as regiões ibéricas, têm numerosas e profundas razões para cooperarem entre si. A razão principal, ao contrário do que muitas vezes se afirma, não é pura e simplesmente o acesso aos financiamentos comunitários. Assumir este ponto de vista seria confundir os fins com os meios. De facto, a cooperação territorial comunitária transfronteiriça ou transnacional é uma questão crucial para o aprofundamento da integração e da coesão europeias, contribuindo para que as regiões, mesmo não vizinhas, se tornem cada vez mais interdependentes no plano económico, social e cultural.

A política regional da União Europeia, que ganhou ao longo do tempo uma expressão cada vez maior no orçamento da União, tem sido um poderoso estímulo à afirmação do fenómeno regional europeu, com raras excepções. Portugal continua a ser uma dessas excepções, mas espero que por pouco tempo. Na próxima legislatura o povo português será consultado sobre a regionalização. Implantar as regiões em Portugal também é inovar, representa um desafio e um estímulo à sociedade civil e oportunidade para o ressurgir de forças e vontades adormecidos por séculos de centralismo. Já temos em Portugal o mapa e o nome das regiões. Temos o saber e a experiência para nos auto-dirigir como seres colectivos emancipados. Falta-nos o reconhecimento e a consagração. Temos pressa, estamos impacientes.

Os últimos anos acentuaram a dualidade de desenvolvimento entre as regiões portuguesas e espanholas. A Região Norte não acertou com a trajectória do desenvolvimento, conquanto a Galiza parece ter descoberto decididamente a estrada do progresso, ao que não foi alheia a autonomia regional. De repente, os ventos da crise atingiram violentamente as duas regiões que enfrentam agora provações e dificuldades semelhantes. Os problemas com que hoje a Galiza se confronta são igualmente problemas para o Norte de Portugal, sentimo-los como nossos. O mesmo se passa, estou certo, com a Galiza, que também vive os nossos problemas como se dela fossem. Mais ainda: a crise que atravessa Espanha é também a nossa crise. Nada do que se passa na Espanha nos é alheio ou indiferente. O inverso também é verdadeiro. Os egoísmos nacionais ou regionais, já não podem ter lugar nas relações entre os povos ibéricos.

O êxito que desejamos das políticas de combate à crise empreendidas quer na Galiza, quer em toda a Espanha será também o nosso êxito, o seu fracasso seria também o nosso fracasso. Por isso é que a Cimeira de Zamora e os encontros e reuniões posteriores, como o que estamos a efectuar nestes dois dias, são agora mais importantes do que nunca. Unidos contra a crise, contra o desemprego, contra a recessão, tem de ser a palavra de ordem comum. Estreitar cada vez mais intensamente as relações económicas, sociais e políticas entre os dois países é imperioso.

A actual crise que Fernández Ordéñez, Governador do Banco de Espanha, caracterizou de maneira brutal, mas expressiva como: “la desconfianza es total, el mercado interbancário no funciona, los consumidores no consumem, los empresários no contratam, los inversores no investan y los bancos no prestan”. Crise sem precedentes nas décadas mais recentes põe em causa os fundamentos de um capitalismo financeiro especulador e sem ética, não põe em causa nem lança dúvidas sobre os fundamentos da União Económica e Monetária europeia, nem sobre os princípios da coesão e da solidariedade, nomeadamente para com as regiões mais frágeis e os cidadãos europeus mais vulneráveis.

Mas uma radiografia nunca curou um doente. A crise combate-se com maior e mais robusta cooperação. A crise combate-se com a intensificação das relações e das permutas entre as cidades – como acontece com a rede de cidades do Eixo Atlântico. A crise combate-se fazendo o contrário daquilo que Fernando Ordonéz vitupera: os empresários investindo, os bancos emprestando, os consumidores consumindo, os inovadores inovando, o comércio entre os dois países aumentando, a integração entre as regiões fortalecendo-se. É a única receita que temos para os males que se abatem sobre nós. A crise não justifica comportamentos lamentáveis “à inglesa”, isto é, fazendo greves hostis à contratação de trabalhadores oriundos da União Europeia.

Voltar ao antes da crise, como se tudo isto fosse algo efémero e reversível, seria uma manifestação de estupidez. É preciso questionar as doutrinas, as práticas, os valores que, em última análise, foram os seus responsáveis.

A expressão cooperação de 2ª geração é sugestiva, mas corre o risco de girar no vazio: trata-se de reinventar a cooperação? Vai ela mudar de natureza? Quais são os novos instrumentos de cooperação, os novos conteúdos, os novos recursos? “Caminante, no hay camiño, se descubre el camiño, camiñando” – eis a resposta, tomando de empréstimo os versos de António Machado.

As prioridades para a cooperação inerentes ao ciclo de fundos estruturais não só para 2007-2013, mas igualmente para o período 2013-2020, cujo debate já se iniciou, assumem naturalmente, uma dimensão política cada vez mais evidente. Não são questões meramente técnicas. Não podem limitar-se aos “pequenos passos” cautelosos que Jean Monnet, velho sábio, recomendava aos europeus no início da caminhada comum. Essa questão marcadamente política que se prende com a cooperação regional não pode divorciar-se da grande interrogação política do nosso tempo: o que é hoje a União Europeia e o que quer ser na geoeconomia e na geopolítica de um mundo novo e diferente que irá sair do ovo da crise que não vai deixar nenhum continente de fora? A União Europeia aceita continuar a ser “um anão político” num mundo donde se erguem vários gigantes económicos? A Europa estava bem colocada para tomar a dianteira, pelo menos, na onda de inovações que, no imediato, pode puxar pelas economias e ganhar avanços: a energia e o ambiente. Se continuar como está corre o risco, mesmo neste domínio, de ser ultrapassada pela América de Barack Obama.

Vamos ter eleições europeias. Será uma oportunidade a não perder para discutir os temas da Grande Europa, das suas nações e regiões, das suas partes e do seu todo. Dito isto, creio que a cooperação territorial poderá mudar de escala, de instrumentos, de ambiente e de temas.

Mudar de escala: primeiro, parece-me interessante e necessário que a cooperação com Castilla-Leon passe a ser tripartida e não bilateral, como hoje, acontece: Norte de Portugal/Catilla-Leon, por um lado, Centro/Catilla-Leon, pelo outro. Isso já não faz sentido. Em segundo lugar, creio que a euroregião Galiza/Norte de Portugal deveria alargar a cooperação às Comunidades de Aragão e Cantábria, estruturando um grande espaço euroregional do Noroeste Peninsular, que lograsse produzir, com os seus sete milhões de habitantes, um equilíbrio com o Leste da península ibérica e, mesmo, com Madrid/Lisboa.

Mudar de instrumentos: os fundos de coesão deveriam também ser afectados a estes novos conjuntos e não, estritamente, como agora, a cada país e a cada região.

Mudar de Temas: apostar acima de tudo num papel para as euroregiões no espaço europeu da Ciência e da Inovação. Fazer das euroregiões, entidades capazes de ganhar posições na economia do conhecimento. Ex.: o Instituto Ibérico de Nanotecnologia e Nanociências. Completar a rede de infra-estruturas rodoviárias, ferroviárias, logística, de energia e telecomunicações: construir a alta-velocidade entre o Porto e Vigo e a conexão de fibra óptica entre as regiões fronteiriças. Reforçar a cooperação de carácter empresarial, pública e privada, mas apostar decisivamente na educação e na cultura que nos qualifica como cidadãos da prestigiosa Ibéria.

O grande Miguel de Unamuno no seu livro intitulado “Por tierras de Portugal y Españã”, publicado no início do século XX, nas meditações que aí nos deixou sobre o carácter dos portugueses escreveu: “El português es constitucionalmente pessimista”. Unamuno falou mesmo de “um povo suicida”. No mesmo livro, Unamuno escreve também algumas páginas sobre a Galiza e deixa-nos este retrato: “los hombres están fuera navegando, pescando, en América, en el interior de España. Allí quedan, en la tierra vieja, mujeres e niños.”

Desde essa viagem literária, reflexiva e sentimental, do grande escritor, Espanha e Portugal transformaram-se em dois países modernos e avançados, atingindo a Espanha uma posição de grande destaque na economia mundial. Os portugueses não são suicidas e o nosso “pessimismo”, ainda que algo verdadeiro, nunca nos paralisou na acção. A Galiza, por sua vez, vê naquele impressionante retrato, apenas um passado remoto.

Portugueses, Galegos, Espanhóis, vamos saber preservar ou reencontrar as fontes do progresso, a energia e poder de iniciativa que nos proporcionou um lugar de protagonismo na história da humanidade.

Muito obrigado

Carlos Lage

Guimarães, 5 de Fevereiro de 2009